



A Igreja de Cristo Não é Um Partido Político: Formação e construção do fiel e eleitor assembleiano na política brasileira

Elba Fernanda Marques Mota

SEMED-MA

elbamota22@yahoo.com.br

1.1A imprensa assembleiana: periódicos como instrumentos de evangelização

Analisar a imprensa como instrumento de informação e formação de leitores nos permite entender as possibilidades de utilização da mesma por parte de grandes grupos, sejam estes políticos, religiosos ou culturais. No que concerne à nossa pesquisa, a imprensa religiosa se constitui elemento particularmente eficaz de construção de uma memória, convencimento de um fiel e, especialmente, um meio de informar quanto à postura a ser seguida pelos membros do grupo.

A história dos protestantes ou evangélicos está ligada, desde o seu início, no século XVI, mais do que a dos católicos romanos, às novas tecnologias de comunicação social. No entanto, a propalada “vocação midiática” dos evangélicos precisa ser vista à luz de suas estratégias missionárias, pois, minoritários nos países católicos da América Latina, e em confronto com outras religiões na América, o protestantismo não descobriu outra alternativa senão assumir uma postura de todo arrivista: polemista e proselitista (CAMPOS,2008).

Atrelada a esta predileção pelos meios de comunicação mais modernos, como televisão e rádio, a imprensa escrita sempre obteve seu espaço de atuação junto aos evangélicos, especialmente por meio de seu jornal oficial e, posteriormente, por revistas. Entendemos esta escolha pelo uso dos meios de comunicação como uma nova forma de relacionar religião e comércio, mas, ainda assim, com o enfoque principal em uma visão missionária e evangelizadora, utilizando para tanto, todos os meios de comunicação inventados pelo homem.

Percebemos que o conteúdo em si não pode ser dissociado do lugar ocupado pela publicação na História da Imprensa, e, particularmente, da História da Leitura, visto que se faz necessário reconhecer as relações que o periódico manteve ou não com o mercado; a publicidade, o público a que visava atingir, o objetivo proposto que direciona a sua



editoração. E, sobretudo, em se tratando de imprensa evangélica, analisar quais os seus objetivos, e a quem ele está direcionado. Essas nuances se apresentam de maneira bem específica, na forma como a importância da leitura era enfatizada nas páginas do jornal *Mensageiro da Paz*, com o sentido de orientar os fiéis da seguinte forma:

Os crentes não devem desprezar a leitura. Não seria conveniente uma crença baseada na ignorância, no obscurantismo, no fanatismo. **IMPORTA CRER!** Interessa, porém, que a crença seja lúcida, consciente. A convicção não ilumina o conhecimento, ao contrário, aproveita-o. É recomendável, todavia, que a leitura seja orientada e selecionada. (SANTOS, 1963, p.4) (Grifo do autor).

Dentro deste contexto, na história da Assembleia de Deus, a leitura sempre esteve presente desde os anos iniciais, com a distribuição dos panfletos nas ruas, pelos primeiros membros e, posteriormente, com a escola dominical e com a leitura da Bíblia. No início da década de 1920, as primeiras lições vinham como suplemento do jornal *Boa Semente*, que circulou em Belém, no estado do Pará. O suplemento era denominado *Estudos Dominicais*, escritos pelo missionário Samuel Nystrom, pastor sueco de vasta cultura bíblica e secular, que produziu lições da Escola Dominical em forma de esboços, feitas para três meses.

Em 1930, na primeira convenção geral das Assembleias de Deus realizada em Natal (RN) deu-se a fusão do jornal *Boa Semente* com outro similar que era publicado pela Igreja do Rio de Janeiro, *O Som Alegre*, originando o *Mensageiro da Paz*. Nesta ocasião (1930), foi lançada no Rio de Janeiro a revista *Lições Bíblicas* para as Escolas Dominicais¹.

Neste contexto, em 1940, o presidente Getúlio Vargas determinou, através de um decreto, que todos os jornais fossem registrados no Departamento de Imprensa e Propaganda (D.I.P.), órgão que regulava a imprensa. O decreto estabelecia também que

¹ A Escola Bíblica Dominical surgiu no Brasil em 1855, em Petrópolis (RJ). O jovem casal de missionários escoceses, Robert e Sarah Kalley, chegaram ao Brasil naquele ano e logo instalaram uma escola para ensinar a Bíblia para as crianças e jovens daquela região. A primeira aula foi realizada no domingo, 19 de agosto de 1855, contando inicialmente com cinco crianças. Posteriormente, no Rio de Janeiro, estas reuniões deram início à Igreja Evangélica Congregacional, no país. No dia 3 de novembro de 1783, é celebrada a data de fundação da Escola Dominical, ela nasce na Inglaterra, sendo seu iniciador, o jornalista Robert Raikes. Hoje, a Escola Dominical conta com mais de 60 milhões de alunos matriculados, em mais de 500 mil igrejas protestantes no mundo. Disponível em: <<http://www.cpad.com.br/escoladominical/historia.php>> Acesso em 10/12/2013.



somente entidades com personalidade jurídica poderiam possuir jornais. A fim de que pudesse continuar a publicar o *Mensageiro da Paz* e as *Lições Bíblicas*, a Assembleia de Deus direcionou, de uma forma mais organizada, sua produção editorial, com a fundação da Casa Publicadora da Assembleia de Deus (CPAD). Este interesse, no seu início, atrela-se, especialmente, ao caráter evangelizador que a produção escrita alcançaria em todo o país, posto que o pensamento da Igreja fosse o seguinte:

Um bom livro que aparece entre nós deve ter a devida “cobertura”. Nem todos conseguem frequentar cursos regulares, nem todos podem assistir a escola bíblica. O livro, no entanto, através da viagem, em casa, nas filas, no bonde, no ônibus, numa estrada, enquanto é aguardada a vez na barbearia, quando se espera o trem, o livro vai transmitindo cultura e doutrina: (SANTOS, 1963, p.4).

Estes são os aspectos norteadores da preocupação editorial da Assembleia de Deus no país: a disseminação de sua doutrina, fortalecendo a religiosidade do fiel e a possibilidade da alfabetização de milhares de leitores. Dentro desta postura de diferenciação, e com a preocupação em doutrinar seus membros, a leitura era direcionada para que houvesse uma ampliação do número de fiéis, mas, especialmente, para que os seus membros não migrassem para outras denominações religiosas. Esta atenção com a escrita, a leitura e sua circulação, se inserem no contexto da época, uma vez que, ao longo das décadas de 1960 e 1970, era perceptível o acréscimo em produção literária no país, razão pela qual crescia a necessidade de uma produção especificamente evangélica:

Nunca em todas as épocas, se escreveu tanto como nos dias atuais. Literatura de todos os tipos invade o mercado! Mais de 90% da literatura distribuída em todo o mundo é prejudicial à vida espiritual, e quiçá, à moral! (...) Como não podemos ir pessoalmente, podemos ir por meio da literatura (palavra impressa). Podemos ir por meio de rádio, etc. A palavra Impressa é um dos grandes meios de evangelizar. Devemos fazer todo o possível, para conseguir fazer circular a mensagem escrita e assim estaremos cooperando com a Igreja na evangelização do mundo. (APOLONIO, 1963, p.4).

Sendo assim, como se caracterizava esta produção editorial evangélica? São poucos os estudos que se preocupam com esta temática e, dos existentes, são em grande parte, da área de comunicação social, como exemplo, o estudo de Ephraim Beda, em que o autor elenca as principais características da produção editorial das igrejas evangélicas, classificando-as em três: didático, em linguagem acessível a todos os leitores; polêmico,



destinados a refutar os periódicos católicos; e de evangelização, a fim de arregimentar novos fiéis.

Em sua primeira edição, o editorial de *O Mensageiro da Paz* afirmava ter por objetivo levar “a visão do evangelismo e a divulgação da doutrina pentecostal por intermédio da imprensa” (Mensageiro da Paz, 1930). A descrição vai além e estabelece por si própria o paralelo com a imprensa tradicional: “Embora siga os mesmos padrões do jornalismo secular, a redação da CPAD apresenta estilo próprio, desenhado por um manual de redação que segue a linguagem do meio cristão evangélico”. (CPAD,2013).

Esta postura editorial se torna clara pelos editores do periódico advertirem que apesar de entenderem a postura de grande parte dos jornalistas enquanto destoante, eles observaram que “apesar de tudo isto, a imprensa ainda é o meio de comunicação por excelência para moldar o pensamento das massas. Para o mundo político, a página impressa é de grande valia na guerra ideológica que está sendo travada”. (Mensageiro da Paz,1980). Assertiva que assinalará as mudanças no discurso, ao longo das década de 1960 e 1970, passando por conflitos quanto a uma presença de manchetes sobre questões políticas.

É interessante notarmos, também, o reconhecimento da utilização da imprensa para moldar o pensamento das massas, postura que irá focar diretamente na forma como assuntos do meio civil seriam trabalhados no jornal. Ao admitir moldar a forma de pensar de seus leitores, a Assembleia de Deus reconhece o seu interesse em utilizar a imprensa como manobra de interesse próprio, em qual o objetivo fosse convencer os seus fiéis do melhor caminho a ser seguido dentro desta lógica do mercado religioso.

No caso da imprensa evangélica, ela nos permite ampliar o conhecimento sobre como diversos grupos religiosos se utilizam de vários meios de comunicação, dentro do contexto histórico de seu tempo para comunicar mensagens, ainda que estas não sejam consideradas como pertencentes ao mundo secular, como a inserção na vida política, a aprovação da lei do divórcio, o uso da contracepção feminina, o homossexualismo, tabagismo e bebidas alcoólicas, para situarmos algumas das temáticas problematizadas pelos periódicos assembleianos ao longo da segunda metade do século XX.

1.2 “Nada será como antes”: a Assembleia de Deus na década de 1960



Ao longo da década de 1960, os evangélicos eram menos de 5% da população brasileira e, especificamente, no ano de 1960, a Igreja Assembleia de Deus contabilizava 700.000 membros em todo o território nacional (ARAÚJO,2007). Em 1949, o número era de 120.000 fiéis.² Fundada em 1911, em Belém, capital do Estado do Pará, se distinguiu por ser a única igreja pentecostal fundada na região Norte, e a partir dali iniciar seu processo de expansão.

O período de 1950 a 1970 é considerado pelos pesquisadores denominacionais, ligados à Assembleia de Deus, como “áureo”, posto que foi quando a Igreja alcançou seu maior crescimento até então, com grandes construções de templos, mas também, de institutos bíblicos, com o novo prédio da Casa Publicadora da Assembleia de Deus (CPAD), com a ampliação de publicações na imprensa escrita, e a comemoração do cinquentenário da fundação em solo brasileiro.

Iniciava-se, assim, o momento presidencialista do governo de Jango. No entanto, o que se viu a seguir foi o agravamento da crise em torno de sua liderança, seja por suas propostas de governo, aglutinadas em torno das Reformas de Base³ seja pelo seu isolamento político, sintetizado pela oposição entre um conservadorismo político contundente e as esquerdas presentes na cena partidária brasileira.

No início de 1964, houve uma série de manifestações intituladas “Marcha da Família com Deus pela Liberdade”, elas foram organizadas pelo clero católico e organizações femininas. No entanto, o que é pouco mencionado é a presença contundente das principais religiões do país, como representantes do espiritismo, religiões afro-brasileiras, judaísmo e protestantismo:

Enquanto fenômeno social, as Marchas inserem-se em um momento em que diversificados setores da população saíram às ruas em repúdio ao governo nacionalista de João Goulart, que, segundo acreditavam, tinha

² É importante destacar que nesse período, os Censos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística-IBGE, não delimitavam o pertencimento religioso das igrejas protestantes, abarcando a todos dentro da nomenclatura protestante. Somente com a contagem de 1980 é que haverá a delimitação por parte do instituto. Até então, as igrejas faziam suas próprias pesquisas. Contudo, há que se ressaltar a parcialidade destas, muitas vezes elevando consideravelmente o número de fiéis.

³ Um conjunto de propostas que visava promover alterações nas estruturas econômicas, sociais e políticas que garantissem a superação do subdesenvolvimento e permitissem uma diminuição das desigualdades sociais no Brasil. Sob a denominação de Reformas de Base, elas constituíram a plataforma do governo João Goulart e fonte de oposição da classe conversadora.



aspirações comunizantes e caminhava para a destruição dos valores religiosos, patrióticos e morais da sociedade. (SÁ MOTTA,2002 p.19)

Elas surgem no contexto de um movimento anticomunista, que seriam “os indivíduos e grupos dedicados à luta contra o comunismo, pela palavra ou pela ação”. (SÁ MOTTA,2002). Sua base ideológica estaria centrada em uma postura de recusa militante ao projeto comunista, entendido como síntese marxista leninista originadora do modelo soviético e, especialmente, o seu maior temor, uma infiltração comunista no governo brasileiro.

O interesse pelo comunismo, por parte das principais religiões do Brasil, se centraliza, especialmente, no papel que estas denominações terão, posteriormente, com a deflagração do golpe que destituirá João Goulart da Presidência e provocará o início da Ditadura Militar. Neste sentido, o próprio Presidente notará o teor religioso dos protestos, e, especialmente, a característica principal das Marchas da Família com Deus pela Liberdade:

Nas grandes passeatas os cartazes não eram dirigidos contra a pessoa do Presidente ou contra as reformas de base por ele preconizadas. Todos visavam a atingir o sentimento profundamente religioso do povo e mostrar o perigo iminente da tomada do poder pelos comunistas. (PRESOT, 2010.p.320).

Nesta ótica, o que se percebeu foi um apelo ao sentimento religioso da população brasileira por parte de representantes da “direita”, que faziam um apelo coletivo, pedindo a saída do Presidente eleito democraticamente.

Acusavam o governo de corrupção, mas, especialmente, instituíram o “medo” como plataforma principal de manifestação, este caracterizado sob o terror da ameaça comunista. Jango notou que “Exploraram os sentimentos cristãos do povo na mistificação de um anticomunismo (...) Não podem ser levantados os rosários da fé contra o povo, que tem fé numa justiça social mais humana e na dignidade de suas esperanças”. (PRESOT, 2010). Contudo, foi o que ocorreu, não só com a participação de representantes da religião católica, principalmente, empunhando seus rosários, mas também, e, de maneira mais silenciosa, por meio dos protestantes.



Esta breve exposição nos ajuda a chegar a um ponto particular da crise, que teve como consequência a conjuntura de radicalização ideológica que levou à deposição do Presidente da República, e, para nós, possui um interesse particular, por ser a união dos princípios entre religião e política⁴, porque a religião foi utilizada enquanto como justificativa para posicionamento político, através da oposição ao governo de João Goulart.

Ao longo da década de 1960, a igreja Assembleia de Deus adotou a postura de se pronunciar por meio de seus periódicos sobre os principais acontecimentos do Brasil e do mundo, diferentemente do que notamos nas décadas de 1940 e 1950, quando, em sua maioria, as notícias pontuavam questões religiosas. O ano de 1961 inaugura, do ponto de vista da instituição, a comemoração de seu cinquentenário, em território brasileiro, tendo em vista que a mesma foi fundada em 1911, em Belém do Pará.

Em 1961, especialmente, notaremos uma ampliação de notícias que tem por objetivo orientar os fiéis quanto aos fatos que ocorriam no Brasil e no mundo, se utilizando, para tanto, de noticiário publicado pela imprensa secular e por artigos produzidos por seus redatores, membros da denominação. Podemos elencá-los dentro de uma temática que abordava aspectos políticos e de costumes.

O jornal *Mensageiro da Paz* e a revista evangélica *A Seara* foram os responsáveis por tornarem público, na década de 1960, o pensamento da igreja Assembleia de Deus. Na área de interesse político, notamos dois aspectos principais com ampla publicação: o comunismo e o ecumenismo. Na conjuntura do golpe de 1964 no Brasil, os dois temas foram usados como recursos para a igreja apoiar a deposição do Presidente, e, particularmente, como o mal que devia ser combatido.

No caso das igrejas protestantes, a alternativa foi proteger-se quanto à série de mudanças por que passava o país e, especialmente, apresentar-se como alternativa de compensação em um momento de crise para a população mais pobre, no sentido de ser a demonstração de equilíbrio para fiéis que viviam em período de crises familiares e com a

⁴ Cabe lembrar que esta relação entre religião e política sempre marcou a história do Brasil republicano, ainda que pela Constituição brasileira ocorra a separação formal entre Estado e a Igreja.



assistência social, através da realização de mutirões, realizando doações de roupas e alimentação e conforto espiritual, por meio dos grupos de oração e no próprio culto

Na década de 1940, a Assembleia de Deus e a Congregação Cristã do Brasil⁵ possuíam cerca de cinquenta mil membros cada uma e, dez anos depois, esse número havia praticamente duplicado. Mas a década de crescimento exponencial foi a de 1950 para os representantes da Assembleia de Deus. (SIPIERSKI, 2003).

Todo este potencial humano, representado por mais de setecentos mil membros, começou a ter o seu olhar orientado para ver o comunismo como o mal a ser combatido, pensado como inimigo, ligado diretamente à sombra, às trevas, ao medo e ao terror, capaz de destruir os três pilares da sociedade livre: Deus, pátria e família, na concepção cristã dos protestantes.

Notamos na década de 1960 uma mudança de postura significativa, uma espécie de ecumenismo anticomunista, em que as principais denominações cristãs do país se uniram contra o inimigo em comum. Dentre as quais, as Igrejas cristãs reformadas, judeus, espíritas e até umbandistas. A Igreja Católica foi a principal liderança no sentido de fortalecer o movimento, passando a ideia pública da “união das Religiões contra o comunismo” (SÁ MOTTA, 2002).

No que se refere à Assembleia de Deus, ainda que não conjugasse do ideal igualitário do ecumenismo, como veremos adiante, ela alinhou-se às demais denominações ao construir um discurso semelhante de combate ao mal. Neste contexto, a igreja se utilizou de seus principais periódicos para informar seus leitores/fiéis, quanto ao inimigo a ser combatido.

A linha editorial de seus principais periódicos, o jornal *Mensageiro da Paz* e a revista *A Seara*, apesar de possuírem o mesmo redator chefe, Emílio Conde, adotou posturas diferentes, no que se relacionava a manchetes pertinentes aos aspectos políticos do Brasil e do mundo.

⁵ A Igreja Congregação Cristã do Brasil foi fundada em 1910, e é a primeira a instituir o pentecostalismo no Brasil. Enquanto a igreja Assembleia de Deus foi fundada em 1911, pelos suecos Daniel Berg e Gunnar Vingren em Belém, capital do Estado do Pará.



Especialmente no jornal, o que se notou foi a predominância do tom confessional, com a preocupação em relatar os problemas da Casa Publicadora da Assembleia de Deus (CPAD), a editora responsável pela produção e distribuição dos principais periódicos com suas campanhas para angariar doações por parte dos fiéis, assim como a ênfase na importância da leitura e o direcionamento que esta deveria ter na doutrina da igreja, ou seja, o jornal *Mensageiro da Paz* era mais voltado para os costumes, enquanto a revista *A Seara* possuía um olhar voltado para as discussões de teor político.

Neste sentido, em 1961, a revista *A Seara* inicia a sua edição de número 22, com o seguinte pronunciamento:

O Jubileu de Ouro das Assembleias de Deus no Brasil, neste feliz ano de 1961 vem demarcar entre nós o fim de uma etapa, dando lugar a nova época na vida da igreja. Na verdade, as circunstâncias atuais já não são as mesmas de cinquenta anos passados. Dantes, havia somente os que se convertiam e se filiavam à congregação. Hoje, já existe uma geração formada dentro da Igreja, e outra, já em formação, filhos de crentes, que precisam ter uma atenção especial. Dantes, havia um número bem menor de igrejas, e, as existentes, possuíam número reduzido de membros. Hoje, porém, tudo se multiplicou. A sociedade, antigamente, possuía características mais conservadoras que a sociedade moderna. E, agora é tempo de progresso. O Jubileu bem nos induz ao progresso. (*A Seara*, 1961.p.1).

No sentido de encaminhar ao progresso, entendido como modernizante, levando a um novo tempo, a revista toma para si, em termos editoriais, a missão de direcionar ao leitor/fiel, o caminho a ser percorrido. Será recorrente, nos números subsequentes ao ano de 1961, relatos que destaquem a conjuntura de mudança do Brasil, mas também da Assembleia de Deus. Para tanto, termos como progresso, crise, mudança serão acompanhados de esclarecimentos e orientações quanto à solução pensada pela igreja, e que deve ser do conhecimento dos assembleianos para segui-la.

Como principal problema, naquela conjuntura de crise e mudança pela qual passava o Brasil, o comunismo é visto como o mais ameaçador, necessitando, para tanto, de uma “tomada de atitude cristã”, palavras da revista, frente à realidade que se via no país. Para tanto, foi produzido na edição 31 do periódico *A Seara*, referentes aos meses de março e abril de 1963, capa com a seguinte assertiva “*Ecumenismo: Sinal dos tempos, pronunciamento das Assembleias de Deus*”. Este é um número que merece uma



problematização especial, ao notarmos a circunstância em que o mesmo foi produzido. Exatamente com um ano de antecedência ao golpe militar, pelo ano de 1963 aglutinar os momentos finais de crise do governo do presidente João Goulart. Contudo, especialmente, por tornar pública uma tomada de posição de uma denominação religiosa que, historicamente, optava, até então, pelo silêncio em tomadas de posicionamento frente ao seu público leitor, com o que ocorria fora do ambiente doutrinário.

Esta edição se pronuncia sobre o ecumenismo e o comunismo. Quanto a este, a igreja torna pública a necessidade em explicar ao leitor o que vem a ser e, principalmente, qual postura seguir, como membro da Assembleia de Deus. No artigo intitulado “*Atitude Cristã face ao Comunismo*” (A Seara, 1963, p.21), são elencados os quatro pontos a serem tomados:

1. **COMPREENSÃO:** A primeira providência é procurar entender o que é o Comunismo;
2. **INSTRUÇÃO:** Compreendendo o que é o comunismo, o passo seguinte é instruir o povo para que evite o mal. A ignorância é o pior dos males;
3. **EVANGELIZAÇÃO:** Instruir ou educar o povo quanto ao Comunismo não é o suficiente. É muito importante, mas não é o bastante. É preciso espalhar o evangelho de Cristo, que é o poder de Deus para salvação de tudo o que crê. Ninguém crerá se não houver quem pregue. A instrução reforma, altera. O Evangelho transforma, regenera, salva.
4. **DEDICAÇÃO:** A evangelização só avançará com rapidez se houver real dedicação por parte dos crentes. Havendo plena submissão a Deus, o seu espírito operará em nós a dedicação pelas almas perdidas. É fato reconhecido que milhares e milhares de filhos de Deus estão escondendo seu talento, enquanto milhares vão sendo agrilhoados pelo Comunismo e caminham para a perdição.

Pontuados os pontos principais dos caminhos a serem seguidos pelos fiéis, merecem atenção especial os dois primeiros itens, pela revista se afastar de sua pauta costumeiramente confessional e apologética, e aproximar-se de um discurso mais próximo da imprensa laica, ou como os mesmos se referem, imprensa leiga.



Para tanto, a preocupação inicial é identificar o que vem a ser o comunismo, no item “Compreensão”, o que os mesmos fazem questão de conceituar logo no início das treze páginas que foram destinadas a esta publicação.

A reportagem foi dividida em dois números da revista, das quais sete páginas na edição de número treze, juntamente com o conteúdo referente à instrução e seis na edição de número quatorze, para explicar a evangelização e a dedicação necessária para pôr fim ao comunismo. Merece menção especial, a concepção de comunismo como uma religião, para a igreja Assembleia de Deus:

O Comunismo não é apenas um movimento político, econômico ou social. É mais que isso. Ele é também uma religião que apela fortemente à alma com sua filosofia, ideias e promessas baseadas inteiramente na matéria e na ciência. Mas que espécie de religião é o Comunismo? É o avesso do Cristianismo: isto é, a inversão completa da ordem divina das coisas. É a doutrina da supremacia da matéria sobre o espírito, da terra sobre o céu. Como religião, o Comunismo dá sentido diferente a cada aspecto da vida humana, exigindo também lealdade absoluta de seus adeptos. (A Seara, 1963, p.23)

Portanto, para a igreja Assembleia de Deus, o comunismo era uma doutrina, uma religião. A crítica da revista situava-o como o oposto do Cristianismo e, por este motivo, o comunismo era um mal a ser combatido, posto que os que advogavam a seu favor, viviam-no como um sentimento religioso atrelado à ciência, por pensá-lo racionalmente ligado diretamente ao ateísmo, ao materialismo e ao determinismo econômico, que eram consideradas como “hipóteses baseados em programas científicos”.

É intuito da publicação levar o leitor à compreensão, uma vez que “Odiar o mal em nada contribui para seu tratamento. O ideal é ter um conhecimento racional do que o Comunismo é” (A Seara, 1963). Para tanto, eles se utilizaram das falas de Karl Marx (1818-1883), Lenin (1870-1924), e Friedrich Engels (1820- 1895), entendidos por eles, como os grandes responsáveis pela propagação do comunismo pelo mundo, posto que “as obras de Marx e Lenin substituem a Bíblia como fonte de autoridade”.

Nesta concepção em compreender “racionalmente” o comunismo, vem a importância em tornar claro para o leitor/fiel o que deve ser evitado. Partimos do pressuposto que a analogia com a religião vem no sentido de aproximar a linguagem para



este público que em sua grande parte lia somente literatura religiosa nas publicações da igreja.

Ao identificar o comunismo como uma doutrina religiosa, o fiel assembleiano passa a vê-lo como possibilidade de expansão para o Brasil, passa a temer as lideranças que podem surgir deste movimento e, especialmente, com o teor dos artigos publicados, passa a abominar qualquer pessoa, entidade, ou partido que tenha ligação com as práticas comunistas.

No que se refere à política, a Assembleia de Deus pensa que “O Comunismo sai da esfera da política para a da religião, e é aí que ele se arraiga no espírito dos incautos. Está provado que a ignorância quanto a este assunto é geral: congressistas, civis e militares, estudantes e professores” (A Seara, 1963). Na concepção editorial estabelecida pelo artigo, só havia uma saída, a instrução dos que ainda não conseguiam entendê-lo como expressão do mal.

E é neste ponto em especial que fica clara, por parte da igreja, a importância da imprensa para propagação de sua doutrina, no que diz respeito à instrução dos fiéis, quanto ao momento político vivido pelo Brasil. Especialmente no sentido de combate ao comunismo, a revista *A Seara* elege cinco pontos principais: o rádio, a televisão, a escola, a igreja e a imprensa.

Não nos passou despercebido, o fato de a publicação elencar o rádio e a televisão separadamente da imprensa. Na concepção de seus editores, os dois primeiros eram mais importantes no sentido de propagação de notícias, apesar de reconhecer a televisão como meio de comunicação novo, em 1963, estava recém-chegada ao Brasil e oneroso do ponto de vista de funcionamento. Para os assembleianos, ambos conseguiam alcance tanto no campo quanto nas cidades. Além do rádio poder ser levado individualmente pelo ouvinte aonde este fosse, sendo por isso grande fonte de instrução.

No que se refere à escola e à igreja, é interessante perceber como pode ser contraditório o discurso produzido por esta denominação religiosa. Em sua concepção, o papel ideal da escola seria o de dar uma:

Orientação sadia e imparcial, de acordo com a capacidade de assimilação e do nível intelectual do aluno. Isto não vem sendo feito. Ensinam, sim, a odiar o Comunismo. Mas este não é o caminho



eficiente. É preciso conhecer as ideologias, filosofias, leis e táticas do sistema. (A Seara, 1963, p.25)

Uma vez que segundo a publicação “É isto que avassala a mente do indivíduo”. Ao subjugar a mente do sujeito, na sua concepção de educação padronizada, a igreja via como importante ensinar as ideologias, o modo de pensar e agir do comunismo, ou seja, criticavam o discurso de ódio contra o “mal”, mas terminavam por fazê-lo de forma bem construída nas páginas de seus periódicos.

Outros dois pontos que merecem atenção são relacionados à igreja e à imprensa, como veículos de instrução. A igreja, para o periódico, tem um papel importante a ser utilizado tal qual:

Como corpo de Cristo é um organismo vivo e espiritual, porém, ela é composta de seres humanos com seu lado social. A igreja é **sempre apolítica**, por isso sua orientação nesse sentido sempre abrangerá o lado religioso do Comunismo. O lado social da Igreja precisa ser advertido nesse sentido. A instrução provida pela Igreja é sempre imparcial e livre de quaisquer influências. (A Seara, 1963, p.26) (Grifo Nosso).

Ao fazer propaganda da “imparcialidade” da igreja, fica evidente a total parcialidade da publicação, inclusive por salientar o lado “apolítico” da Assembleia de Deus, que neste período podemos pontuar como inexistente, pois no início dos anos de 1960, ficava evidente nas páginas de seus periódicos um maior interesse em tornar público o posicionamento político desta denominação, inclusive pontuando o que deveria ser combatido, para, conseqüentemente, obter a adesão por parte de seu fiéis. Neste tocante, entendemos a importância dada à imprensa, posto que no entender da revista:

Esse campo é vasto, mas abandonado. Aí, estão os jornais, as revistas, os boletins e livros dos tipos mais variados. No mínimo deveria ter um livro texto sobre o assunto. A literatura é a grande arma do comunismo. Suas publicações estão traduzidas em todas as línguas principais. Para ele, o que as armas não têm feito a página impressa o têm. As impressoras vermelhas não param noite e dia, para disseminar o bolchevismo, enquanto do nosso lado, a democracia nada faz para utilizar o poder desse meio de instrução. (A Seara, 1963, p.26)

Há dois pontos que merecem nossa atenção nesta fala: a suposição de que a propagação do comunismo se dava por meio da imprensa e, por este motivo deveria existir



um livro que se propusesse ao combate do mesmo, fato justificável por tratar-se de um importante instrumento de formação de opinião, sobretudo, em um país onde a sociedade civil possui pouca tradição organizativa, seja do ponto de vista de grupos políticos ou de manifestações individuais. Ao longo da história política e social brasileira, é comum evitar conflitos diretos sobre questões de ordem política e religiosa. Fato que começa a se modificar na atualidade, com o posicionamento contundente dos grupos religiosos na cena partidária do país.

No entanto, é inegável o grau de comprometimento dos jornais da imprensa leiga com o anticomunismo, assim como o impacto causado por este sobre a sociedade, ainda que, anteriormente, no próprio artigo, a revista deixe clara a maior abrangência da televisão e do rádio. E, principalmente, a crítica feita à democracia brasileira que pela “liberdade” disponível terminava por não aproveitar todo o potencial cabível. Aqui cabem alguns questionamentos: a Assembleia de Deus não via com bons olhos a forma como o jornalismo brasileiro tratava o comunismo, ainda que este fosse constantemente criticado? Ou era esperado um discurso ainda mais ligado à teoria do mal? Próximo à figura do pecado e destruidor da ordem, moral e segurança nacional? O fato é que com tais argumentos, o jornalismo produzido pela Assembleia de Deus, por meio da imprensa religiosa, contribuiu, do ponto de vista do discurso assembleiano, para todo o processo anticomunista que se construiu no Brasil, uma vez que:

O temor expressado por eles durante a crise é efetivo. No entanto, o contexto é de manipulações. (...) Foi construída uma imagem deturpada da situação política, colocando os comunistas numa posição de força muito maior que a real (...) A ocorrência de manipulações foi elemento constante na história do anticomunismo brasileiro. (SÁ MOTTA, 2002 p.276)

Isto porque notamos nos textos produzidos pela revista *A Seara* a ocorrência de manipulações, com crenças, ideologias e a confiança para os eleitores deste periódico, ocorrência constante na história do anticomunismo brasileiro. O terror anticomunista foi paulatinamente construído na revista, em alguns momentos em falas camufladas, mas, principalmente, pretendendo a obtenção de ganhos políticos e religiosos. No que se refere ao comunismo, esta relação foi trabalhada para que o leitor percebesse a importância que



os membros do Partido Comunista davam ao grupo político, fazendo mais uma vez o paralelo entre dedicação religiosa e partidária:

O que tem feito o comunismo avançar é a dedicação de seus adeptos. Todo Comunista está ligado ao partido como o sangue às veias. Ele não tem vontade própria, mas a do Partido. Pelo Partido ele mente, engana, mata, morre, etc. O indivíduo nada é, o Partido é tudo. (...) Os Comunistas contribuem sem reservas. O lema deles é “metade da minha renda é do partido. (A Seara, 1963, p.26).

Fica evidente, portanto, o interesse em se construir, para o leitor, a importância ideal que a coligação possuía para os membros do Partido Comunista, aproximando esta relação com a de uma religião para os comunistas. Cabia, portanto, aos assembleianos evitarem este mal que ameaçava a ordem estabelecida no país, mas, nota-se a intenção implícita de reproduzir uma prática que demarcava a fidelidade partidária dos comunistas: a de doar quantias consideráveis de seu salário a Bancada, especificamente, “metade” de sua renda.

Afirmções como estas marcam a composição do discurso assembleiano sobre o comunismo, marcado por manipulações, contradições e singularidades, ao compartilhar, juntamente com a “grande imprensa” apesar das distintas conjunturas, um anticomunismo, representado nas versões mais extremadas, como inimigos públicos da sociedade brasileira.

Referências Bibliográficas

1. Periódicos

A Seara, Rio de Janeiro, 1960-1979.

Mensageiro da Paz, Rio de Janeiro, 1960-1985.

2. Bibliografia Geral

ARAÚJO, Israel. *Dicionário do Movimento Pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 2007.

BEDA, Ephraim. *Editoração Evangélica no Brasil: troncos, expoentes e modelos* (Doutorado em História) Programa de Pós-Graduação em comunicação social. Universidade de São Paulo, 1993.



CAMPOS, Leonildo Silveira. O papel do Rádio e da Televisão na expansão dos Evangélicos no Brasil. In: *O Sagrado e o urbano: diversidades, manifestações e análise*. BAPTISTA, Paulo Agostinho Nogueira; PASSOS, Mauro; SILVA, Wellington Teodoro da. São Paulo: Paulinas, 2008.

PRESOT, Aline. Celebrando a “Revolução”: as Marchas da Família com Deus pela Liberdade e o Golpe de 1964. In: ROLLEMBERG, Denise; QUADRAT, Samantha Viz (org.). *A Construção Social dos regimes autoritários: Legitimidade, consenso e consentimento no século XX Brasil e América Latina*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

SÁ MOTTA, Rodrigo Patto. *Em Guarda Contra o “Perigo Vermelho”*: O anticomunismo no Brasil (1917-1964). São Paulo: Editora Perspectiva, FAPESP, 2002.

SIPIERSKI, Paulo. Contribuições para uma Tipologia do Pentecostalismo brasileiro. In: GUERREIRO, Silas (Org.). *O estudo das religiões: desafios contemporâneos*. São Paulo: Paulinas, 2003.